

instituto de arte contemporânea

Handwritten notes in pencil:
C. F. J. van
C. F. J. van
C. F. J. van

JORNAL O JORNAL

DATA 13-9-1963

PAGINA _____

LOCAL GUANABARA

ASSUNTO Campofiorito se assustou com os trabalhos de Ivan na Tenreiro

49

Artes Plásticas

QUIRINO CAMPOFIORITO

IVAN SERPA - I

A Exposição de Ivan Serpa não constituiu apenas uma surpresa para todos os seus admiradores, não digo o público comum que compareceu à Galeria Tenreiro. Constituiu realmente um espanto, e para muitos terá sido um susto. Nós estamos entre estes últimos.

Porque não ser franco, quando se trata de dizer algo sobre um artista que sempre muito admiramos, que de surpresa em surpresa sempre foi catequizando mais e mais a nossa admiração. Desde o primitivo figurativo, passando após pelos meandros do purismo da arte concreta, até a penúltima fase em que o artista desemboca, embora um pouco precipitadamente — com certa intempestividade numa pintura abstrata de concepção inteiramente oposta à concepção abstracionista anterior.

Não foi totalmente abstrata, sua recente e curta fase de negação da arte concreta, na qual alcançara os melhores e merecidos galardões. Sua nova abstração trouxe umas figurinhas escondidas. Tudo o que então era abstração — muito certo. Mas as figurinhas escondidas, achamos sem grande sentido plástico.

Mas Ivan Serpa em conversa, deu-nos uma explicação. Não eram assim muitas pinturas das cavernas da pré-história, que o tempo apagou e tornou suas imagens perdidas nas manchas da rocha? O artista estava satisfeito com a sua nova pesquisa, mas nós não nos convencemos muito de sua inteira validade. Desta vez Ivan Serpa não nos

Artes Plásticas

(CONCLUSÃO)

apresentar-se avessa a segundas intenções. Foi sempre arte só, com qualidades indubitáveis, e sem revestimentos de abusivas sugestões. Poderíamos dizer que Ivan Serpa incidiu de chofer num expressionismo que foge totalmente de sua desensibilidade e imaginação. Isto não teria ainda nada de espantoso. Mas o decidido sentido erótico que impõe à sua nova concepção figurativa é que não pode convencer, por mais boa vontade se tenha de aceitar uma nova pesquisa, uma outra experiência plástica.

Em nova conversa o artista nos diz: — "é um protesto, pois não anda o escândalo por aí, sóto na sociedade?"

Achamos que um artista pode fazer uma obra de protesto. Mas para isto é preciso ser mais exato e não ficar no escândalo pelo escândalo. É preciso coordenar antes as condições da linguagem plástica que vai conter esse protesto, para que a obra de arte não perca sua autenticidade. Que o idioma pictórico não se torne um linguajar abrupto e sem nexos, capaz de criar imagens apenas desagradáveis, sem a precisa objetividade como protesto. Rompeu Ivan Serpa num sensualismo que parece incontornável, — que o faz perder a condição de meditação da forma artística. Prosseguiremos.

NOTÍCIAS RÁPIDAS — Prossegue a Exposição de Retratos da pintora Isolda Hermes da Fonseca Chapman, na GEAD (rua Siqueira Campos, 18). — Assembléia da Associação dos Artistas Plásticos Contemporâneos (ARCO), para eleição de Diretoria, dia 16, segunda-feira, às 17 horas, na Escolinha de Arte do Brasil (Av. Marechal Câmara, 314 — 4.º andar).

surpreendeu, dissemos. Assustou-nos, sim, com sua exposição na Galeria Tenreiro. E vamos explicar esse susto. Somos dos que dão ao artista o direito de caminhar as sendas que melhor se ajustem aos seus desejos de satisfação artística. Apelas nos parece que não se deve aceitar

um caminhar com a pressa de quem está fazendo passeio de turismo com prazo curto.

Não parece que Ivan Serpa haja sofrido um processo de evolução — que haja meditado necessariamente sobre as suas novas ambições, para irromper tão disforme — tão inconforma-

do com sua própria personalidade.

E muito menos queremos dizer que ele tenha apenas desejado experimentar uma maneira fácil de fazer uma pintura de escândalo. Não queremos acreditar que o nosso simpático pintor tenha simplesmente desejado au-

mentar a sua notoriedade tão bem conquistada, com um gesto escandaloso.

Ele não é disto. Se fosse já o teria feito antes. Sua obra foi sempre a revelação de um espírito comedido, sereno, meditativo. Sua obra jamais deixou de (CONTINUA NA 16.ª PAGINA)

JORNAL O JORNAL

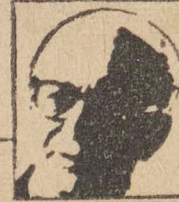
DATA 13-9-1968 PAGINA _____

LOCAL GUANABARA

ASSUNTO Campofiorito versus Ivan (trégua)

Artes plásticas

Quirino Campofiorito



O jornal 13-9-68

Folclore Indígena Brasileiro

O Instituto Cultural Brasil-Alemanha promoverá um Curso de Extensão Cultural sobre «Folclore Musical Indígena Brasileiro», a ser ministrado pelo Professor Wilson Pinto. O Curso teve início ontem, no auditório do I.C.B.A., à Avenida Graça Aranha, 416 (9.º andar) e conta com a colaboração do Conservatório Musical do Estado do Paraná. Dêsse importante Curso do qual se desincumbe com reconhecida autoridade o Professor Wilson Pinto, a apresentação é feita pelo Professor Willy Keller, Diretor-Executivo do I.C.B.A., cujo texto reconhecemos oportuno transcrever na íntegra a seguir:

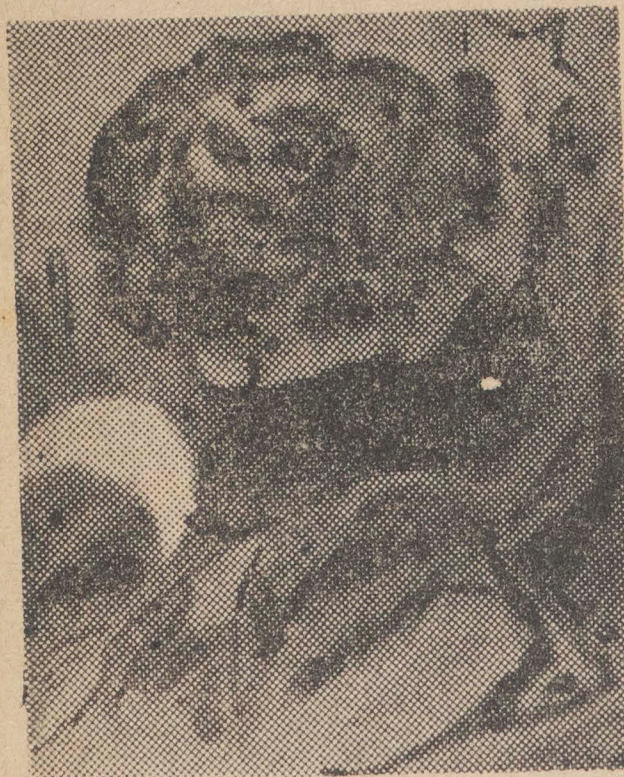
— «Consideramos o Marechal Rondon uma das maiores glórias do Brasil. À sua clarividência e bondade deve-se a instalação de territórios reservados no interior do País, onde a população indígena pode viver de acordo com seus conceitos seculares e sem necessidade de uma aculturação precipitada. O Brasil é um dos poucos países onde futuras gerações ainda poderão estudar formas de vida social primitiva, práticas e costumes, que há muito tempo se extinguíram em outras regiões do mundo. O passado está, portanto, presente a cada passo».

Sobre o Professor Wilson Pinto, que dará o Curso em aprêço, o Professor Willy Keller assim se refere: «— Quando o Conservatório Musical do Paraná apresentou o folclorista, Professor Wilson Pinto, o Instituto Cultural Brasil-Alemanha não teve a mais leve dúvida de que, com a realização de um Curso sobre o folclore indígena brasileiro, ia ao encontro da curiosidade de muitos de nossos amigos. Vamos então estudar os elementos iniciais do Tupi ou Nheengatú, e conhecer as lendas maravilhosas dos índios e suas canções dolentes. Vamos aprender, através de sua arte e de seus costumes, a respeitar os antigos donos das terras brasileiras como seres humanos, que merecem toda nossa atenção».

A taxa de inscrição (que continua aberta), no Curso é de vinte e cinco cruzeiros novos, com direito a um certificado de frequência e aproveitamento. Informações mais detalhadas e matrículas na Secretaria do I.C.B.A. ou pelo telefone 32-4502. As aulas terão início às 18,30.

O tema da primeira aula foi — «Arte Plumária Brasileira». Os Caapors. Os Inubias como instrumentos sacros e sociais (Canção Mataã Reputarê e Dança «Uruá» ou Dança dos Espíritos). O Trocano; Lenda «A Primeira Noite (Iepeuara-Una). Fábula «O Vento e o Jabuti». Vocabulário.

Ivan Serpa na «Bonino» — Inaugurou-se anteontem na Galeria Bonino (rua Barata Ribeiro, 578), a mostra de pintura e de desenho do professor Ivan Serpa. A exibição agora de nosso conhecido artista, constitui-se de trabalhos de sua criação mais recente. Telas que seguem a inspiração «Op-Art» («Optical Art»), e desenhos que, numa linha muito diferente, são figurativos e na linha do erotismo. Ivan Serpa pega assim por dois lados, embora bem opostos, o que de bem atual anima a arte plástica. Volta à abstração geométrica, e sustenta o figurativismo que reiniciou com as composições expressionistas de dois anos passados. Uma exposição que vai ter seu interesse muito particular também por esse flagrante contraste.



Rosa Azul, quadro de autoria da pintora Helena Miguel Sant'Anna, que inaugura hoje, às 17 horas, exposição no Colégio Barcellos Costa, à Rua Cirne Maia, 143.

Sexta-feira, 13 de setembro de 1968

JORNAL O JORNAL

DATA 23-2-64

PAGINA _____

LUGAR GUANABARA

ASSUNTO Campofiorito x Ferreira Gullar
(entrevista Ivan)

Artes Plásticas

QUIRINO CAMPOFIORITO

Conversa com Gullar: — Ivan Serpa já enjoou de quadro "confeitado"

Numa destas últimas tardes, indo ver mais uma vez as Ex. posições dos pintores ingleses e japoneses no Museu de Arte Moderna (já encerradas), Ivan Serpa mostrou-nos três de suas telas mais recentes. Tivemos uma agradável surpresa ante a evolução que demonstra o nosso pintor nestas obras.

Desclaramos-lhe que mais nos convenciamos agora de que diante da série de trabalhos anteriores, exibida no ano passado na Galeria Tenreiro. Tinham aquelas telas, realmente, uma deficiência, uma carga de caricatúresco — uma incidência na expressividade vulgar, e no chistoso, e não deixavam margem a uma apreciação muito condizente com a responsabilidade do artista que é Ivan Serpa. Não tubecemos em criticar com severidade aquela exposição.

O pintor saía de uma rápida excursão pelo terreno movediço da abstração livre, e ganhava a nova figuração um pouco endiabradamente. Agora, Ivan Serpa restringiu sua paleta a tons baixos e calorosos, deixa claros vibrantes, apenas, para a significação maior dos efeitos que irão condensar as dominantes expressões da imagem. Sua pintura mais recente nos envolve e nos carrega para uma vivência intensa do conteúdo, através de rigorosa comunicação formal. Nada mais de caricatúresco, apenas chistoso, nada de um deformismo balófo, que invalidava a seriedade dos propósitos artísticos — mas toda uma temperatura calorosa — uma comunicação realmente impressionante, um clima convidativo à meditação, com os recursos ponderáveis da linguagem plástica.

Como por uma coincidência com essa revelação que constituíram para nós as telas recentes de Ivan Serpa, chega-nos o n.º 19 (Janeiro — 1964), de "ARQUITETURA", a revista editada pela Seção da Guanabara, do Instituto de Arquitetos do Brasil.

Sabendo, embora, que esta revista tem larga difusão não podemos nos furtar de nesta notícia do seu recebimento, apreciar particularmente, sua rubrica de Artes Visuais, em que o crítico Ferreira Gullar, revela uma "conversa com Ivan Serpa".

Artista e crítico dialogam com franqueza sobre condições da pintura atual. Indagado sobre sua nova fase figurativa, Ivan declara que está — "saturado de bonito", de quadro "confeitado", que não fala da realidade em que vivemos" Ferreira Gullar refere-se a essa arte que insiste em demonstrar-se inteiramente desligada da realidade cotidiana, social, e que, conforme Ivan reconhece — "perde-se agora em exercícios gratuitos ou de "bom gosto" para conseguir compradores".

Acha Ivan Serpa que a "irresponsabilidade grassa em todo o ambiente artístico hoje, envolvendo mesmo os artistas de talento.

Crítico e artista demoram-se num curioso diálogo sobre o que valem os muito leilões de arte, que estão na moda com o propósito de corresponder a intuições de beneficência, e nos quais pontifica a vulgaridade de um "grafismo" petulante. Esse trecho da conversa de Gullar com Ivan, assim como as declarações sobre o "Ofício de Pintar", transcreveremos na íntegra em outra oportunidade.

O Jornal 23.2.64

JORNAL JORNAL DO BRASIL

DATA 14-2-64 PAGINA _____

LUGAR GUANABARA

ASSUNTO Harry Laus x Ferreira Gullar
(entrevista Ivan)

ARTES

HARRY LAUS

Revolta contra a beleza

O pintor Ivã Serpa, em entrevista concedida a Ferreira Gullar para a revista *Arquitetura*, declara estar "saturado de bonito, de quadro confeitado, que não fala da realidade em que todos vivemos". Diz mais que o desligamento da realidade cotidiana leva a arte a perder-se em exercícios gratuitos ou bom gosto para conseguir compradores. Tudo isto, ao que parece, para defender sua nova-figuração exposta, sem sucesso de vendas, na Galeria Tenreiro. Pois chega a dizer:

— Não quero ficar rico. Viverei de meu em-prêgo e continuarei a pintar o que considero certo, gostem ou não, os grã-finos. Não pinto para salas de visitas.

Eis uma atitude insólita do pintor que já foi abstrato, geométrico e tachista. "Cansei-me e decidi buscar outro rumo" — diz êle. Não se poderá ver nesta declaração um rompimento com todo o seu passado, por ter sido bonito, confeitado e de bom gosto? Pelo menos é o que pode concluir o público leigo, uma vez que o pintor não cita exemplos, a não ser o de Wolls — um estrangeiro pouco conhecido no Brasil e que, por isso mesmo, não servirá de ponto de referência. E essa citação é um tanto capciosa porque vem assim apresentada: "Wolls era autêntico, mas não os que o copiam por oportunismo". Quais serão os que o copiam por oportunismo? Esta afirmação frustra e desorienta o leitor.

SALÕES E PRÊMIOS

A revolta do pintor entra também pelos salões, galerias e prêmios — êle que recebeu quase todos, menos o da Bienal.

— Arte é ofício, prossegue. Nela não cabem oportunismos, de que estão cheios os salões e as galerias. Pessoas que não sabem pintar, que mal dominam o *métier*, já disputam prêmios e vendem quadros a preços astronômicos... Eis porque, para mim, os salões e os prêmios perderam, hoje, qualquer significado.

O ataque volta-se contra a Bienal:

— O pintor americano Gottlieb só veio ao Brasil porque já estava certa a sua premiação. Faz uma pintura *bonitinha*, de muito bom-gosto, mas que não quer dizer nada...

Eis, em tudo isto, um Ivã Serpa que desconhecíamos. Entrou pelo perigoso caminho da generalização, sem separar o bom do mau, o sério do desonesto. É aceitável que tenha decidido *buscar outro rumo*. Ninguém exigiu que êle o fizesse, nem marcou data para sua transformação. É um direito que assiste a êle, como artista, e que também cabe aos outros, quando acharem, conscientemente, que assim devem proceder.

CORRIDINHO

* Encontra-se no Rio o pintor argentino Hélio Casal que já vem expondo há alguns anos no país vizinho. Trouxe

guaches para uma possível exposição no Rio e mostrou-os a Augusto Rodrigues que encaminhou o artista a uma galeria carioca com cartão de apresentação.

* Também no Rio, procedente de São Paulo, o desenhista e pintor Paulo Chaves que expôs recentemente na Galeria La Ruche, da capital paulista, tendo vendido muito bem e recebido críticas elogiosas de Geraldo Ferraz e Isar do Amaral Berlinck.

* O urbanista Lúcio Costa saiu de seu mutismo costumeiro para pronunciar-se sobre o problema da urbanização carioca a cargo de uma firma grega. Não deixa por menos: "Doxiadis é um cabotino".

* Manabu Mabe e Antônio Bandeira revelaram-se grandes foliões no Baile do Glória. É o que se pode verificar no último número de *Manchete*. E por falar nisso, quem não haveria muito de gostar da decoração da Av. Presidente Vargas seria o pintor Rubem Valentim: sua simbologia geométrica afro-brasileira foi usada à exaustão.

* Indo a Petrópolis não deixe de visitar a exposição coletiva que a Galeria Seta de São Paulo montou na Biblioteca do Museu Imperial. Artistas representados: De Pisie, Guignard, Leonello Berti, Darel, Iberê Camargo, Grassmann, Gastão Henrique, Dora Basílio, Wesley Duke Lee, Maria Cecília Gismondi e Sérgio Campos Melo.

JORNAL **O JORNAL**

DATA **14-9-1963**

PAGINA _____

LOCAL **GUANABARA**

ASSUNTO **Campofiorito ainda assustado ataca Ivan, Tanaka e 4 argentinos**

JORNAL — Sábado, 14 de setembro de 1963

Artes Plásticas

QUIRINO CAMPOFIORITO

IVAN SERPA - II

Dissemos ontem que a exposição de Ivan Serpa (Galeria Teneiro), não nos causará simplesmente uma surpresa, tampouco um espanto, e sim um susto! Agora, que vamos vencendo o susto, as telas que o nosso pintor exibiu recentemente vão se tornando mais ao alcance de uma visão normalizada. Aquela fantasmagoria lúbrica e um tanto pedante, vai-se reduzindo às suas proporções vulgares. Já as vemos agora nas suas medidas mais justas.

Chegamos a pensar que de momento uma ordem secreta chega ao "atelier" de muitos pintores e eles entram em nova órbita, mudam de plano e põe-se a rodopiar em torno de um outro centro comum. Mal se falou em "nôvo figurativismo", e logo as galerias se enchem de quadros a sim. Foi Ivan Serpa, na "Teneiro", veio de Paris, Flavio Shiro Tanaka para a "Petite Galerie" e quatro argentinos para a Galeria Bonino.

O nôvo figurativismo promete ser o grande espetáculo da VII Bienal. E já as pré-estréias vão tomando conta da novidade. Não é uma nova consciência artística que está sendo lançada, porque isso não é coisa para fazer mudar cartaz como um cinema muda o programa, um teatro muda a peça, uma vitrine de modas muda o manequim, uma mulher troca de vestido.

Percebe-se que artistas, mesmo dentre aqueles que respondem por inegável responsabilidade, vão mudando o passo conforme tocam a música. E logo surge a nova taboleta. Desta vez traz escrita — "protesto social". Esse protesto social que já foi tão ridicularizado, pelos próprios que agora o fazem voltar à pintura, justificando a necessidade de irromper escandalosamente e sem bravura, numa desenfreada demonstração de preença.

Não acreditamos nessa forma de protesto. Nem acreditamos numa pintura que vem fantasiada assim, e nem ao menos consegue superar um expressionismo sem convicção, por demais

caricaturesco, sem idoneidade pictórica nem seriedade de conteúdo. Afinal os bons caricaturistas já há muito vêm fazendo o que os pintores querem agora roubar-lhes.

Ivan Serpa põe em suas telas seres humanos e bichos numa confabulação incongruente. Não saberíamos dizer onde as telas de maiores dimensões poderiam ser colocadas, sem que, ao fim de alguns dias, causassem repulsa, não pelo excesso de expressão, não pelo que po suiss... de originalidade da solução plástica — mas pelo que realmente acabam sendo, enormes cenas de impertinente demonstração erótica, sem outro conteúdo que possa defender a razão de terem tais imagens inspirado pintura.

Vemos, por ora, nestes primeiros vagidos do "nôvo realismo" uma estranha imitação do que já se conhece nos arquivos de psicopatologia. Tem havido muitas modas. Está passando a de imitação dos trabalhos infantis. Agora será a vez de imitar, sem nada tirar nem acrescentar, e apenas pespegando a legenda do protesto social — aquilo que há muito é feito nos "ateliers de pintura coletiva ou individual que são organizados nos institutos de psiquiatria" — "pinturas de doentes que servem para ser examinados sob o ângulo do diagnóstico e do tratamento". Aliás, o estudo da "Arte Psicopatológica" é um caminho admirável para a exploração da Personalidade (Robert Volnat). É oportuno considerar a expressão de Malraux — "na ciência a pintura é substituída pelo milagre", para reconhecer, conforme já foi dito, que igual se deve atribuir ao alienado.

Um artista pode ser um enfermo, mas não encontramos razão para que um artista não deva, em sua obra, simular impulsos idênticos aos que dão autenticidade às criações do primeiro.

Nos trabalhos dos alienados — "pode-se acompanhar, como num gráfico, as oscilações e o progresso da psicose". Nas criações do artista são, tal não poderá suceder, e qualquer simulação falseará sua arte.

As telas menores de Ivan Serpa sustentam um interesse que não possuem suas composições maiores. Abolutamente, embora, dentro do já conhecido expressionismo, têm essas telas menores a virtude de condensar uma seriedade pictórica digna de apreço.

JORNAL O JORNAL

DATA 13-9-1963

PAGINA _____

LOCAL GUANABARA

ASSUNTO Campofiorito como sempre afirmando e negando... Subconsciente acadêmico?

Artes Plásticas

QUIRINO CAMPOFIORITO

IWAN SERPA - I

A Exposição de Ivan Serpa não constitui apenas uma surpresa para todos os seus admiradores, não digo o público comum que compareceu à Galeria Tenreiro. Constituiu realmente um espanto, e para muito terá sido um susto. Nós estamos entre estes últimos.

Porque não ser franco, quando se trata de dizer algo sobre um artista que sempre muito admiramos, que de surpresa em surpresa sempre foi catequizando mais e mais a nossa admiração. Desde o primitivo figurativo, passando após pelos meandros do purismo da arte concreta até a penúltima fase em que o artista desemboca, embora um pouco precipitadamente — com certa intempestividade numa pintura abstrata de concepção inteiramente oposta à concepção abstracionista anterior.

Não foi totalmente abstrata, sua recente e curta fase de negação da arte concreta, na qual alcançara os melhores e merecidos galardões. Sua nova abstração trouxe umas figurinhas escondidas. Tudo o que então era abstração — muito certo. Mas as figurinhas escondidas, achamos sem grande sentido plástico.

Mas Ivan Serpa em conversa, deu-nos uma explicação. Não eram assim muitas pinturas das cavernas da pré-história, que o tempo apagou e tornou suas imagens perdidas nas manchas da rocha? O artista estava satisfeito com a sua nova pesquisa, mas nós não nos convencemos muito de sua inteira validade.

Desta vez Ivan Serpa não nos

surpreendeu, dissemos. Assustou-nos, sim, com sua exposição na Galeria Tenreiro. E vamos explicar esse susto. Somos dos que dão ao artista o direito de caminhar as sendas que melhor se ajustem aos seus desejos de satisfação artística. Apenas nos parece que não se deve aceitar

13

um caminhar com a pressa de quem está fazendo passeio de turismo com prazo curto.

Não parece que Ivan Serpa haja sofrido um processo de evolução — que haja meditado necessariamente sobre as suas novas ambições, para irromper tão disforme — tão inconforma-

do com sua própria personalidade.

E muito menos queremos dizer que ele tenha apenas desejado experimentar uma maneira fácil de fazer uma pintura de escândalo. Não queremos acreditar que o nosso simpático pintor tenha simplesmente desejado au-

mentar a sua notoriedade tão bem conquistada, com um gesto escandaloso.

Ele não é disto. Se fôsse já o teria feito antes. Sua obra foi sempre a revelação de um espírito comedido, sereno, meditativo. Sua obra jamais deixou de

(CONTINUA NA 16.ª PAGINA)

Artes Plásticas

(CONCLUSÃO)

apresentar-se avessa a segundas intenções. Foi sempre arte só, com qualidades indubitáveis, e sem revestimentos de abusivas sugestões. Poderíamos dizer que Ivan Serpa incidiu de chofre num expressionismo que foge totalmente de sua desensibilidade e imaginação. Isto não teria ainda nada de espantoso. Mas o decidido sentido erótico que impõe à sua nova concepção figurativa é que não pode convencer, por mais boa vontade se tenha de aceitar uma nova pesquisa, uma outra experiência plástica.

Em nova conversa o artista nos diz: — “é um protesto, pois não anda o escândalo por aí, sóto na sociedade?”

Achamos que um artista pode fazer uma obra de protesto. Mas para isto é preciso ser mais exato e não ficar no escândalo pelo escândalo. É preciso coordenar antes as condições da linguagem plástica que vai conter esse protesto, para que a obra de arte não perca sua autenticidade. Que o idioma pictórico não se torne um linguajar abrupto e sem nexos, capaz de criar imagens apenas desagradáveis, sem a precisa objetividade como protesto. Rompeu Ivan Serpa num sensualismo que parece incontrollável, — que o faz perder a condição de meditação da forma artística. Prosseguiremos.

NOTÍCIAS RÁPIDAS — Prossegue a Exposição de Retratos da pintora Isolda Hermes da Fonseca Chapman, na GEAD (rua Siqueira Campos, 18).

Assembléia da Associação dos Artistas Plásticos Contemporâneos (ARCO), para eleição de Diretoria, dia 16, segunda-feira, às 17 horas, na Escolinha de Arte do Brasil (Av. Marechal Câmara, 314 — 4.º andar).

13 setembro 1963